



JUVENTUDE QUER VIVER: CÍRCULOS DE CULTURA, O PROTAGONISMO E A RESISTÊNCIA DOS JOVENS ESTUDANTES DO BAIRRO TEJUCO

Lidiane Aparecida de Aquino¹

Orlando José de Almeida Filho²

RESUMO

O artigo apresenta a experiência do projeto “Juventude quer Viver”, desenvolvido pelo PIBID de História da Universidade Federal de São João del-Rei, em parceria com a Escola Estadual Iago Pimentel, localizada no bairro periférico Tejuco. A iniciativa tem como objetivo fortalecer a autonomia e a consciência crítica dos estudantes do ensino médio por meio de práticas inspiradas nos Círculos de Cultura de Paulo Freire, fundamentados no diálogo, na escuta ativa e na valorização dos saberes populares. A metodologia utilizada fundamenta-se nos Círculos de Cultura, desenvolvido por Paulo Freire em 1960, voltado para a alfabetização e o ensino crítico de adultos. É proposto nessa metodologia, um espaço de diálogo horizontal a partir da realidade dos educandos, no qual o conhecimento é construído de forma coletiva, objetivando a autonomia dos participantes. O primeiro tema gerador, “Ser jovem no bairro Tejuco”, foi trabalhado em sete encontros que envolveram rodas de conversa, análises de mídias, leitura de poemas, debates sobre democracia, desigualdade e meritocracia, além de atividades culturais com artistas locais. Os resultados indicaram que os jovens compreendem sua condição marcada pela precarização do trabalho, exclusão social e ausência de espaços de lazer e cultura, mas também expressam sonhos de acesso à educação, ao trabalho digno e à vivência de uma juventude plena. Durante os encontros, emergiram reflexões sobre como a visão externa estigmatiza o bairro e como o discurso da meritocracia, inicialmente presente entre os estudantes, pode ser problematizado e desconstruído, destacando-se o papel da cultura, como as batalhas de rima, na ressignificação crítica desse imaginário. Como produto final, os alunos elaboraram fichas de cultura que materializaram suas percepções e reflexões, reforçando o protagonismo juvenil no processo educativo. O estudo conclui que a escola pública, quando se abre ao diálogo freireano, pode se tornar espaço de formação crítica e emancipatória, contribuindo para que a juventude periférica reconheça seu lugar no mundo e construa alternativas de resistência e transformação social.

Palavras-chave: Círculos de Cultura, Juventude, PIBID.

¹ Discente do curso de História da UFSJ e bolsista de iniciação à docência do PIBID/UFSJ.

² Professor da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) – coordenador de área e orientador do PIBID/UFSJ



INTRODUÇÃO

Os jovens das periferias brasileiras enfrentam desafios históricos e estruturais que atravessam seu cotidiano: a precarização do trabalho, a violência, o racismo, a exclusão social e a negação de direitos fundamentais. No bairro Tejuco, em São João del-Rei (MG), essas realidades se evidenciam de forma marcante afetando o modo como os jovens se relacionam com seu território, com a escola e com suas próprias perspectivas de futuro.

Foi nesse contexto que se desenvolveu o projeto vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), em parceria com a Escola Estadual Iago Pimentel. O projeto tem como objetivo fortalecer a autonomia e a formação crítica dos estudantes do ensino médio através de metodologias inspiradas nos Círculos de Cultura de Paulo Freire, baseados no diálogo, na escuta ativa e na valorização do saber popular.

A experiência parte da compreensão de que a escola pública, sobretudo em territórios periféricos, precisa se tornar um espaço de escuta, diálogo e protagonismo estudantil. A pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender como práticas educativas freireanas podem fortalecer a consciência crítica dos jovens, especialmente diante das desigualdades e estígmas territoriais.

A presente pesquisa busca analisar como metodologias inspiradas nos Círculos de Cultura de Paulo Freire contribuem para o fortalecimento da autonomia e da formação crítica de jovens estudantes do bairro Tejuco. Para atingir este objetivo geral, os objetivos específicos deste trabalho são:

Desenvolver práticas de escuta e diálogo com os estudantes.

Identificar e trabalhar temas geradores a partir das vivências juvenis.

Refletir criticamente sobre as percepções dos jovens acerca de seu território e de suas oportunidades.

O trabalho se organiza nas seguintes sessões, metodologia, referencial teórico, resultado e discussões e por fim as considerações finais.



METODOLOGIA

O artigo apresenta a experiência do primeiro tema gerador “Ser Jovem no bairro Tejucó” no âmbito do projeto Juventude quer Viver, desenvolvido no Projeto de Iniciação à Docência do curso de História na Universidade Federal de São Del Rei. Realizado na Escola Estadual Iago Pimentel, com estudantes do 3º ano do Ensino Médio, localizada no bairro periférico Tejucó, na cidade de São João Del Rei. A metodologia utilizada fundamenta-se nos Círculos de Cultura, método desenvolvido por Paulo Freire na década de 1960, voltado para a alfabetização e o ensino crítico de adultos. É proposto nessa metodologia, um espaço de diálogo horizontal a partir da realidade dos educandos, no qual o conhecimento é construído de forma coletiva, objetivando a autonomia dos participantes. Como observado por Marinho (2009):

Dessa maneira, tal ideia visava promover o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita e se concretizava no interior do debate com questões centrais do cotidiano como trabalho, cidadania, alimentação, saúde, organização das pessoas, liberdade, felicidade, valores éticos, política, saúde, economia, direitos sociais, religiosidade, cultura, entre outros. (Marinho, 2009, p. 51)

No contexto da pesquisa, os círculos de cultura são repensados como um espaço de escuta, reflexão e produção de conhecimento sobre a realidade dos jovens tijucanos.

A estrutura dos encontros é inspirada na experiência em Angicos (1963), adaptada à proposta do projeto. Os temas geradores são destacados pelos próprios alunos, e o diálogo pretende ser feito de maneira crítica e reflexiva.

Os temas são desenvolvidos conforme disponibilidade da escola e da professora supervisora, com a seguinte estrutura:

Apresentação do tema gerador, trazendo um problema ou questão ligada à juventude, à comunidade e à história local.

Discussão em roda, onde os alunos compartilham experiências, percepções e conhecimentos atualizados sobre o tema.

Análise crítica das mídias, utilizando a educomunicação para problematizar como a juventude está representada nas redes sociais, jornais e outros meios de comunicação.



Produção coletiva de materiais, permitindo que os alunos expressem suas reflexões por meio de vídeos curtos, podcasts, jornais murais, quadrinhos, entre outros formatos educomunicativos.

Durante os encontros, foram utilizados registros escritos, anotações de campo e produções dos próprios alunos, garantindo o caráter participativo e qualitativo da pesquisa.

O primeiro tema gerador, intitulado “Ser jovem no bairro Tejucó” foi desenvolvido ao longo de 7 encontros, e seguiram o seguinte percurso:

Nos dois primeiros encontros foi um momento de apresentação do projeto e dos alunos. Fizemos uma roda no pátio da escola, e lá os alunos se apresentaram e indicaram temas que gostariam que fossem trabalhados durante o projeto.

No terceiro encontro houve a exibição do vídeo Papo na Laje – Ser Jovem (Brasil de Fato RJ), seguida de uma roda de conversa aberta, onde os estudantes debateram o que é ser jovem estudante do Iago Pimentel e morador do Bairro Tijuca.

No quarto encontro, lemos o poema Os Miseráveis de Sérgio Vaz, e discutimos sobre a desigualdade social e como ela afeta a juventude.

No quinto encontro, tivemos um debate a respeito de democracia, os educandos apontaram o que entendiam sobre esse discurso, e como ele afeta a vida dos jovens.

No nosso sexto encontro tivemos a apresentação com jovens artistas da cidade que se organizam em batalhas de rima que contribuíram para a construção do diálogo que tivemos ao longo dos outros encontros.

E por fim, no sétimo encontro produzimos nossas fichas de cultura a fim de materializar esse primeiro tema. Dividimos a turma em 2 grupos de 5 alunos, e 2 grupos de 4 alunos, cada grupo produziu uma ficha.

Todos os encontros aconteceram nos espaços da escola, fora da sala de aula, com a mediação da bolsista, respeitando a escuta ativa e valorização da vivência dos educandos.

Portanto, trata-se de uma prática metodológica que articula os ideais da educação popular à ação docente em formação, promovendo uma ação concreta de ensino e aprendizagem crítica e transformadora.



REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica baseia-se na pedagogia freireana, que compreende a educação como prática de liberdade e construção coletiva do conhecimento. Para Freire (1996), o ensino e a formação ética são indissociáveis, pois ensinar é também um ato de respeito e emancipação.

Ensinar e, enquanto ensino, testemunhar aos alunos o quanto me é fundamental respeitá-los e respeitar-me são tarefas que jamais dicotomizei. Nunca me foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. (Freire, 1996, p. 49)

O projeto “Juventude quer Viver: Círculos de Cultura, o protagonismo e a resistência de jovens estudantes do bairro Tejucó” pressupõe que a escola, principalmente inseridas nas periferias, deve ser um espaço de escuta, diálogo e valorização das vivências dos educandos ali presentes, a fim de contribuir na construção de uma consciência crítica capaz de transformar o mundo.

É proposto por Freire (1996), uma pedagogia dialógica, comprometida com a troca de saberes entre os sujeitos para construir um saber coletivo. Esse método é materializado através dos círculos de cultura, pensados como:

O círculo de cultura – no método Paulo Freire – re-vive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, comprehende-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo, e em colaboração, re-elaboram o mundo e, ao reconstruí-lo, apercebem-se de que, embora construído também por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles. Humanizado por eles, esse mundo não os humaniza. As mãos que o fazem, não são as que o dominam. Destinado a liberá-los como sujeitos, escraviza-os como objetos. (Freire, 1987, p.9)

É evidenciado por Marinho (2009) que os Círculos de Cultura propiciam um ambiente onde os educandos se reconheçam como sujeitos no mundo. Além disso, os círculos são idealizados por Freire (1978) não somente para alfabetizar, mas para que sejam reinventados para formação e transformação social. Como demonstrado:



“Os Círculos de Cultura cada vez mais se estendem à comunidade toda, que, tudo indica, virá a transformar-se, toda ela, num Círculo também. [...] os alfabetizados 'descobriram' a necessidade de entregar-se a um projeto maior — o de cultivar uma enorme área de terreno do Estado, [...] em forma de trabalho coletivo.” (Freire, 1978, p. 63-64)

O Território no qual os estudantes pertencem é marcado por desigualdades, como a precarização do ensino, racismo, violência e exclusão social. Vigenti (2016) observa que os jovens negros e periféricos no Brasil vivenciam a juventude de forma diferente em relação aos jovens brancos de classe média, enfrentando dificuldades de acesso à educação de qualidade, ao mercado de trabalho e aos espaços de cultura e lazer. Tavares et al. (2024) evidencia essas dificuldades dentro do território do Tejuco, em São João Del Rei, em um estudo realizado na mesma escola em que o projeto se desenvolve. Os autores relatam que:

“Percebemos que a condição do bairro e principalmente o descaso estrutural de décadas atinge os alunos de forma brutal e eles muitas vezes, sem perceber, internalizaram e normalizaram essa situação. Como se o fato de lhes terem tirado iluminação pública de qualidade, saneamento básico, segurança, comércio, oportunidades de emprego e o direito de sonhar e construir um futuro melhor fosse algo normal.” (Tavares et al., 2024, p. 172)

Nesse sentido, a escola e os projetos tornam-se ferramentas fundamentais para romper com essa lógica e fortalecer a identidade e pertencimento territorial dos jovens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro tema gerador do projeto, “ser jovem no bairro tejuco”, se tornou o pontapé inicial para o diálogo crítico com a turma do 3º ano 2. Desenvolvido ao longo de 7 encontros, reestruturamos a base metodológica dos círculos de cultura de Freire, investigação temática, tematização e problematização, que são caracterizados por Marinho(2009):

“A metodologia é composta por três momentos: investigação temática, tematização e problematização. A investigação temática consiste na escuta sensível, realizada por meio de observações ou entrevistas. A partir da realidade vivenciada, extrai-se o tema gerador. [...] A tematização compreende a análise crítica da realidade, em que o educador pode recorrer a diversos materiais que ajudem a problematizar a realidade vivenciada. A



problematização é o momento em que se tenta, coletivamente, buscar alternativas de transformação da realidade." (Marinho, 2009, p. 48)

Nos primeiros encontros, foi um momento de apresentação do projeto e dos alunos.

Fomos para o pátio da escola, sentamos em roda e nos apresentamos falando nome, idade e respondemos algumas perguntas geradoras:

- a) Há quanto tempo é aluno do Iago Pimentel?
- b) como você descreveria o bairro onde mora para alguém que não conhece?
- c) O que mais gosta de fazer no seu tempo livre?
- d) o que significa ser jovem pra você?
- e) se pudesse escolher um tema para ser abordado durante o projeto, qual seria?

A partir dessas perguntas foi possível identificar como os alunos se enxergam diante de sua realidade.

Na maioria das respostas, a juventude é entendida como o momento de experimentar novas oportunidades. De acordo com Capuchinho e Rosa (2013), entende-se como "um tempo de experimentação do tecido urbano", onde os jovens exploram o espaço público e constroem novas formas de sociabilidade. Por conseguinte, Guimarães (2014) evidencia que programas sociais podem abrir janelas de oportunidade que possibilitam "experimentar novas trajetórias de vida" diante da realidade periférica desses jovens.

A realidade do bairro não é romantizada por eles, mas alegam que as pessoas de fora tem uma visão deturpada daquele território. Tavares et al. (2024) explicam esse fenômeno:

"Grande parte dos entrevistados afirma não ter havido planejamento para as mudanças ocorridas no bairro, demonstrando o abandono generalizado da cidade com o bairro Tijuco. [...] As entrevistas, nesse sentido, serviram como porta-voz aos sentimentos de abandono e exclusão da comunidade tijucana como um todo, podendo servir, mais adiante, como ferramenta de denúncia e transformação social do bairro." (Tavares et al. 2024, p. 188)

Os temas geradores que foram sugeridos pelos alunos foram racismo, construção de gênero, feminismo, trabalho e cultura. Como afirma Freire (1996, p. 33), "ensinar exige respeito pelos saberes dos educandos", o que pressupõe um espaço de escuta ativa e sensível. Esse tipo de

escuta, que reconhece e acolhe as experiências dos alunos, foi crucial para estabelecer vínculo e identificação com a turma.



Imagen 1. Registro do primeiro Encontro com a turma. 21 de Março de 2025

No terceiro encontro, levamos os alunos ao auditório para assistirmos ao vídeo Papo na Laje – Ser Jovem (Brasil de Fato RJ), onde o assunto principal é o trabalho territorial de jovens nas favelas do Rio de Janeiro. Poucos alunos prestaram atenção no vídeo, o que limitou, de certa forma, o andamento da roda de conversa, mas foi possível contornar trazendo a ideia do vídeo



para dentro do território dos alunos. Onde, exemplificamos os trabalhos que acontecem dentro do bairro, como a ONG Nova Geração, e atividades do Levante Popular da Juventude. A partir disso, nos debruçamos sobre as oportunidades oferecidas aos jovens do bairro tejucó, a partir de três perguntas:

- a) Se ser jovem é ter oportunidade, quais oportunidades estão sendo apresentadas a vocês?
- b) Quais oportunidades vocês desejam vivenciar enquanto jovens?
- c) O nosso direito à juventude está sendo negado?

Com essas três perguntas, foi possível identificar junto aos alunos, que as oportunidades oferecidas não são as mesmas oferecidas aos alunos de escolas particulares da cidade.

Aos alunos do Iago Pimentel, são oferecidos cursinhos populares preparatórios para o Enem, como o Cursinho Popular Édson Luís, mas também são oferecidos subempregos em mercados e comércios da região em jornadas exaustivas. Enquanto os alunos das escolas particulares têm acesso aos pré-vestibulares tradicionais, aulas extras e não precisamos se inserir no mercado de trabalho tão precocemente.

Apesar de discutirmos amplamente o tema da juventude nos nossos encontros, pouco se foi falado sobre o acesso à cultura e lazer dos estudantes. Nos nossos primeiros encontros, quando indagados sobre o que faziam no tempo livre, a grande maioria passa o tempo realizando atividades diversas dentro de suas casas. Perguntados se não existiam espaços culturais no bairro que eles pudessem acessar, a resposta foi negativa. O único espaço de lazer que a turma tem acesso é a Serra do Lenheiro.

Como observado por Gomes et al. (2018), a Serra do Lenheiro se mantém como um dos poucos espaços reconhecidos pelos moradores como vinculado ao lazer e à qualidade de vida, embora sofra com a degradação.. A ausência de menção a outros espaços culturais ou de lazer no bairro reforça a limitação de acesso a essas atividades pela juventude local. “A população local pouco tem feito para preservação da serra, que muitas vezes foi mencionada por eles como qualidade de vida, lazer e subsistência” (Gomes et al., 2018, p. 355).

No quarto encontro, fomos até o espaço do refeitório da escola e fizemos a leitura do poema Os Miseráveis escrito por Sérgio Vaz que conta o cotidiano de dois garotos, Hugo e Vitor, vivendo em classes sociais diferentes. Inicialmente, a conversa seria norteada pela desigualdade social entre os dois personagens, e a partir disso refletir essa desigualdade na realidade dos alunos do 3º ano.



Porém, quando questionados se eles estavam mais próximos da realidade de Vitor ou de Hugo, foi levantado por alguns alunos o discurso de meritocracia. Com frases como “eu vou me esforçar e vou chegar na posição de Hugo” e “se eu me esforçar eu vou me tornar milionário”, foi possível perceber como esse mito da democracia estava enraizado no discurso dos alunos.

A professora supervisora pediu para que organizasse um novo encontro para trabalharmos esse discurso com os alunos, e assim foi feito.

No quinto e sexto encontro debatemos e entendemos como o falso discurso de meritocracia está a favor do sistema que explora as classes populares. Como observado por Themelis (2017,p.4), “Nada na educação opera fora da economia política mais ampla, o que no capitalismo é inherentemente desigual”, logo, a meritocracia não contribui para uma justiça social, pelo contrário, corrobora para a manutenção da desigualdade de classes.

No primeiro dia, fizemos uma roda de conversa no auditório da escola, onde foi explicado como o discurso meritocrático é desmentido quando analisamos o nosso dia a dia e comparamos com o cotidiano de influenciadores digitais, por exemplo. Dias (2024), demonstra como o estilo de vida dos influenciadores impacta diretamente os jovens:

A influência desses indivíduos impacta de forma considerável as gerações mais jovens, que são as mais presentes nas redes sociais. A confiança que esse grupo deposita nos influenciadores tornou-se tão grande que foi notada pelas marcas, que passaram inclusive a patrocinar esses indivíduos. (Dias, 2024,p.53)

A partir disso, os alunos passaram a compreender a ideologia por trás do discurso meritocrático e começaram a relatar experiências pessoais e vividas por familiares.



Imagen 2. Roda de conversa sobre Meritocracia. 15 de Maio de 2025.

No segundo dia, artistas de coletivos de batalha de rima estiveram presentes na escola para fazerem uma intervenção sobre essa temática da meritocracia. Os Mc's apresentaram rap e poesias que exemplificam como esse discurso é falso na nossa realidade. Nas letras, esteve presente a importância de se estudar quando você é negro e pobre. Os alunos ficaram muito empolgados e interagiram com os cantores durante a apresentação.



Foi um encontro que propiciou o acesso à cultura, mas também a reflexão sobre os discursos internalizados por esses jovens, que muitas vezes não compreendem a ideologia por trás. Dias (2024) observa esse fenômeno na obra de Solano e Rocha (2022):

“Vários começaram a ganhar consciência política, ao verem comentários nas redes de pessoas que seguiam ou de influenciadores de quem gostavam e com os quais concordavam, dando início a um processo de despertar político e também a comentários quando estavam em desacordo. Neste caso, a reação contrária provocada faz com que começem a pensar sobre agendas a propósito das quais nunca haviam pensado antes.”(Solano; Rocha, 2022, apud Dias, 2024, p. 57)



Imagen 3. Intervenção com os MC's da cidade. 15 de Maio de 2025.

Para fecharmos esse primeiro tema, “ser jovem no bairro tijuco” fizemos um último encontro onde produzimos nossas fichas de cultura. Freire (1977 p.61) descreve as fichas de cultura como “instrumentos para suscitar o diálogo, para promover a problematização do cotidiano e a descoberta crítica da realidade.”

Diante disso, no projeto, produzimos as fichas como forma de materializar tudo o que aprendemos e sentimos durante esses encontros. No pátio da escola, dividimos a turma em 2 grupos com 4 alunos e 1 grupo com 5 alunos. E em conjunto, cada grupo produziu uma ficha de cultura a fim de materializar as considerações sobre o primeiro tema gerador.



Imagens 4,5,6 e 7. Oficina de produção das Fichas de Cultura do Tema Gerador “Ser Jovem no Bairro Tijuco”. 27 de Junho de 2025.



Analisando as fichas produzidas e a partir de conversa com os educandos, é possível identificar que a juventude periférica presente na Escola Estadual Iago Pimentel é uma juventude que sonha em aproveitar as oportunidades que o mundo oferece. Mas não oportunidades que os coloquem como mão de obra barata para serem explorados, mas que tragam para si a autonomia e protagonismo de vivenciarem a sua juventude da melhor maneira. Será a partir dos próximos temas geradores que será possível identificar quais serão essas vivências que essa juventude deseja viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do primeiro tema gerador do projeto PIBID de História, “Ser jovem no bairro Tejuco”, revelou a potência transformadora dos Círculos de Cultura como metodologia de escuta, diálogo e construção coletiva do conhecimento. A partir de uma prática freireana comprometida com a realidade dos educandos, foi possível criar um espaço no qual os estudantes pudessem refletir criticamente sobre o território que habitam, os desafios que enfrentam e os sonhos que carregam.

As rodas de conversa, as análises de mídia, os debates sobre juventude, trabalho, desigualdade, meritocracia e pertencimento territorial demonstraram que a escola pública, quando se abre ao diálogo, pode se tornar um espaço significativo de formação política e humana. O contato com a produção cultural, a intervenção dos artistas locais e a criação das fichas de cultura permitiram que os alunos não apenas se reconhecessem como sujeitos da história, mas também como autores da sua própria narrativa.

Ficou evidente que os jovens do Tejuco não ignoram as contradições de sua realidade. Eles compreendem a ausência de políticas públicas, sentem o estigma atribuído ao seu bairro e, ao mesmo tempo, expressam o desejo de viver uma juventude digna, com acesso à cultura, educação, lazer e oportunidades que respeitem sua autonomia e identidade. Ao desconstruir discursos como o da meritocracia e reconhecer os limites impostos pelas estruturas sociais, os estudantes puderam iniciar um processo de desnaturalização da desigualdade.

Assim, este artigo não pretende apresentar respostas prontas, mas compartilhar uma experiência concreta e reflexiva de como práticas pedagógicas freireanas podem contribuir para a formação crítica de jovens das periferias. A continuidade do projeto e o



desenvolvimento dos próximos temas geradores se mostram promissores para aprofundar o vínculo entre escola, território e juventude, reforçando o compromisso com uma educação que forme sujeitos capazes de sonhar, resistir e transformar sua realidade.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que foram parte fundamental da realização deste trabalho. Primeiramente, meus sinceros agradecimentos aos meus orientadores, Orlando José de Almeida Filho, por sua dedicação, incentivo constante e por acreditar em mim e Adriana Gomes Tavares com quem aprendo diariamente um pouco mais sobre usar a docência no ensino básico como instrumento de transformação social. Agradeço também ao departamento de História.

A minha gratidão também vai para os estudantes do Terceiro ano da Escola Estadual Iago Pimentel que participaram do projeto, que sem sua contribuição a conclusão da pesquisa não seria possível. Aos meus pais e meus irmãos, um agradecimento especial pela compreensão e apoio durante o período de pesquisa e escrita, sem vocês nada disso seria possível. Agradeço também ao meu companheiro Talisson que acompanhou de perto toda a pesquisa e sempre me incentivou a continuar. Por fim, agradeço a CAPES, e à equipe administrativa da Universidade Federal de São João del Rei e também a equipe pelo suporte e pelos recursos oferecidos, que foram cruciais para a conclusão deste trabalho.



REFERÊNCIAS

- CAPUCHINHO, Michelle Neves; ROSA, Letícia Barros Palma da.** Juventude e experimentação do tecido urbano. *Revista de Geografia – PPGEU/UFJF*, número especial, v. 1, p. 1-8, 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistageografia>. Acesso em: [inserir data de acesso].
- DIAS, Rosângela Oliveira.** Influenciadores digitais e os discursos políticos na internet: consumo, juventudes e plataformas. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2023.
- FREIRE, Paulo.** Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo.** Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo.** Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GOMES, Ivair et al.** Percepção ambiental da população residente no entorno do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro: estudo de caso dos bairros Senhor dos Montes e Tejucó, município de São João del-Rei/MG. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 19, n. 66, p. 345–360, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/45230>. Acesso em: [inserir data de acesso].
- MARINHO, Andrea.** Círculo de Cultura: origem histórica e perspectivas epistemológicas. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 18, n. 32, p. 37-52, jul./dez. 2009.
- TAVARES, Adriana Aparecida; ALVES, Isabella Caroline Mendes; COELHO, Ana Paula.** Urbanização do bairro Tejucó e sua historização. *Revista História & Realidade*, São João del-Rei, v. 10, n. 2, p. 179–189, 2024.
- TAVARES, Adriana Aparecida et al.** Política e juventude: ações para o exercício da cidadania. *Revista História & Realidade*, São João del-Rei, v. 10, n. 2, p. 167–174, 2024.
- THEMELIS, Spyros.** Educação e igualdade: desmontando o mito da meritocracia. *Revista Educação & Formação*, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-20, 2017.



VIGENTIN, Maria Angélica. Juventude negra e periferia: experiências de violência e resistência. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 31, n. 90, p. 1-15, 2016.

